

II Encontro de Mulheres Agricultoras do Sertão Central:

“A importância da mulher na agricultura familiar e florestal”

Realizou-se nos dias 14 e 15 de Maio de 1999, no Convento São Boaventura, em Triunfo/ PE, o II Encontro “Importância da mulher na agricultura familiar agroflorestal”, tendo como base os objetivos a seguir:

- Despertar o valor da mulher na agricultura familiar, sensibilizando-as para uma maior participação no sistema agroflorestal;
- Troca de experiências sobre práticas agroflorestais; e
- Troca de experiências sobre práticas de beneficiamento dos produtos da roça.

A organização do encontro ficou na responsabilidade do Centro Sabiá, ADESSU, STR's de Triunfo, São José do Belmonte e Stª Cruz da Baixa Verde.

O Encontro teve início com uma oração, através da dinâmica: "Mulher, imagem de Deus", onde o difusor Edimilson Soares incentivou os/as participantes a colocarem o sapato ao redor de uma caixa que se encontrava no meio da sala, ao som da música "Cio da terra", do cantor Milton Nascimento. Após os sapatos se encontrarem nos locais determinados, cada participante o coloca no pé, meditando a sua imagem refletida num espelho que se encontra dentro da caixa.

Em seguida, inicia-se a apresentação e expectativas dos/as participantes, feita por Sandra e Antônio, a partir das seguintes questões:

1. Cada participante diz o seu nome e o que mais gosta de fazer no roçado.

Plantar - Visitar, sentir a natureza - Sacudir ou soprar os legumes, armazenar, adubar as plantas – Capina seletiva - Observar as plantas - Colher - Limpar o mato - Colher frutas e comer na hora.

2. O que vai levar pra casa?

Adquirir mais experiências

Adquirir novas experiências

Que nos quatro ou cinco anos tenham produzido muitas frutas nos roçados

Um encontro muito proveitoso.

Aprender muito com as experiências já resistentes.

Muita participação de todos/as.

Mais certeza de que estamos avançando na idéia de fazer um novo tipo de agricultura

Aprender, descontraír.

Aprender mais, que o curso seja bom para todos.

Levar para casa muitas coisas boas e ensinar um pouco do que aprendemos.

Um bom comportamento.

Levar a esperança de que todos façam um pouco do que aprendemos.

Aprender mais para repassar nas comunidades.

Aprender, descobrir para poder falar melhor de vocês, agricultores/as.

É chegado o momento de desenvolver a primeira atividade, a qual se encaminha da seguinte forma: Normeide convida as participantes a escolherem entre as sementes de tamboril, feijão de porco, mulungu e moringa, aquela semente que a identifica, o que deu origem ao nome dos grupo, onde cada uma irá discernir as seguintes questões:

Qual a sua participação na agricultura ?

Você se sente bem como agricultora? Por que?

O resultado dos trabalhos em grupo é apresentado à plenária de forma bastante dinâmica. Vejamos como foram executadas:

GRUPO TAMBORIL

Apresenta em forma de dramatização no qual a mulher participa de todos os trabalhos do roçado como: plantar, capinar, arar, colher, podar, armazenar para o consumo, preservar o meio ambiente. Dentre outras tarefas: cuidar de toda a família, das exigências do marido e de pessoas idosas como o pai, a mãe ou parentes mais próximos.

- Nós nos reconhecemos como agricultoras porque temos orgulho do que fazemos mas não nos sentimos reconhecidas especialmente pelos nossos governantes que nem incentivam, nem colaboram com a agricultura familiar. Nesse tempo de seca, nós sentimos na pele o sofrimento de sermos esquecidas.



GRUPO FEIJÃO DE PORCO

É importante a participação da mulher. Ela está presente em todas as ações, exceto na comercialização.

— Não somos reconhecidas. Colocamos a comida na mesa de muita gente, mas o reconhecimento da agricultora familiar é muito pouca.

GRUPO MULUNGU

Preocupa-se mais com a preservação, capina. Planta de tudo, faz de tudo um pouco.

— Nós vimos da discussão do grupo que nós nos realizamos pelo trabalho que fazemos na roça. É difícil ser reconhecida! O/a agricultor/a é quem segura o mundo mas o governo não reconhece que as organizações não - governamentais não têm recursos. Moramos num país rico mas não temos apoio. Se fôssemos reconhecidas/os, os problemas de convivência com a seca seriam diferentes.



GRUPO MORINGA. RÁDIO TRIUNFO FM

A participação da mulher na agricultura se dá de forma direta: plantando, capinando, podando, colhendo; além de fazer os trabalhos da casa estamos sempre nos dedicando à agricultura. A nossa participação vai da preparação até a colheita, porém a parte de comercialização, geralmente são os homens quem se encarregam.

- Sim! Porque tenho um contato direto com a agricultora.
- Sim! Porque sou filha de agricultor (criança).
- Mais ou menos, pois a verdadeira agricultora é aquela que planta, colhe, comercializa... e a mulher, apesar de ter contato direto com a agricultura, não participa de todo esse processo.

No período da tarde, as discussões continuam ainda relacionados aos trabalhos de grupos onde Normeide faz um resumo do que já foi exposto em plenária, baseada nas frases que houveram mais repetições nas apresentações dos trabalhos de grupo. Tais como:

- A mulher faz de tudo no roçado e trabalha em casa;
- A mulher não participa da comercialização;
- A união entre a família facilita o trabalho;
- A mulher tem orgulho de ser agricultora;
- Não há reconhecimento por parte das autoridades;
- Se preocupa mais com o meio ambiente;



Inicia-se mais um trabalho do grupo, onde será questionado: "O que entendemos como agricultura familiar sustentável?"

Este trabalho é apresentado através de desenhos, os quais diferem bastante nas apresentações. Os grupos onde agricultoras, que já implantam o sistema agroflorestal participaram das discussões, demonstraram um maior equilíbrio no que vem a ser sustentabilidade, obtendo os seguintes resultados:

1º Grupo

- Agricultura familiar sustentável: É aquela que o agricultor faz por si próprio com a finalidade de ter o sustento da família.
- É uma área com várias culturas.
- Devemos plantar culturas que resistam à seca, aproveitando melhor as águas das chuvas.
- É necessário criarmos alguns animais.

2º Grupo

- Deve se plantar muito para fazer adubo
- Plantar cultura para servir de ração
- A agricultura familiar deve ter a criação de pequenos animais
- Para que haja agricultura familiar, o agricultor/a deverá ter a terra

3º Grupo

Agricultura familiar sustentável é a base fundamental para desenvolver resultados importantes no sustento da família. Deve ser feita baseada na organização da propriedade, plantando em quantidade para comercializar o excedente. É uma agricultura onde você tem que produzir pensando também na proteção do solo.

4º Grupo

Para uma agricultura familiar ser sustentável é necessário que haja participação da família; as plantas devem ser plantadas também com o objetivo de adubar o solo, não devemos esquecer de plantar as culturas resistentes à seca.

Exposição sobre sistema agroflorestal

A exposição do sistema se dá através de dinâmicas que envolvem os/as participantes; num primeiro momento, Avaniildo entrevista a difusora Sandra, fazendo perguntas direcionadas a esse novo jeito de fazer agricultura e ao mesmo tempo envolve a participação de todos/as que questionam e tiram suas dúvidas em relação ao sistema agroflorestal.

— O que é agricultura florestal?

É uma mistura de agricultura com floresta. É uma nova forma de plantar onde não se planta apenas milho e feijão e sim, culturas que venham a melhorar a estrutura do solo. Deve-se preservar as árvores nativas; plantar cada vez mais, de preferência culturas mais adaptadas a região; evitar as queimadas, não fazer o uso de adubos químicos.

— Como fazer para iniciar uma Agrofloresta?

Depende de como se encontra o seu roçado; num terreno degradado se houver alguns arbustos é feito o roço, picando o material sobre o terreno para que sirva de cobertura, protegendo o solo da erosão e a compactação do solo servindo também como matéria orgânica. Se o solo estiver muito fraco, recomenda-se o plantio de culturas mais resistentes como palma, guandu, macaxeira, cajueiro, burra leiteira, estacas de siriguela, cajá, feijão de porco, mandacaru, enfim, plantas que venham servir para recuperar o solo.

— O que acontece com tantas plantas juntas?

Se fizermos o manejo como manda as técnicas do Sabiá, as plantas vão servir de companheiras uma das outras; faz-se a capina seletiva, deixando o que serve para proteger as árvores do futuro que estiverem nascendo. Poda as plantas maduras separando a madeira que serve de estaca e de lenha; cortando todo o material fino distribuído por toda a área, o que irá transformar em matéria orgânica tornando o solo com maior fertilidade.

— Sem o uso do veneno, como se livrar das pragas?

Se o solo estiver degradado, o ataque de pragas é maior. Aumentando o consórcio, haverá uma maior quantidade de matéria orgânica disponível através da diversidade de folhas e raízes que irão se tornar em adubo.

— **Qual a época certa de fazer a poda?**

Se observarmos a natureza, as plantas indicam a época certa. Algumas apresentam folhas amareladas e envelhecidas, outras caem as folhas indicando o momento certo. Observe, nem todas as plantas resistem à poda drástica.

— **Você usa a enxada para fazer a capina?**

No início utilizei, com o desenvolvimento do sistema não é possível capinar de enxada, pois o solo já dispõe de grande quantidade de cobertura morta e há bastante árvores do futuro germinando, o que exige um trabalho mais cuidadoso.

— **Como você adquiriu tanta experiência?**

Particpei de vários encontros sobre o sistema agroflorestal propriamente dito. Aprendi muito com o Sabiá, mas o que de fato me ensina a cada dia é a prática.

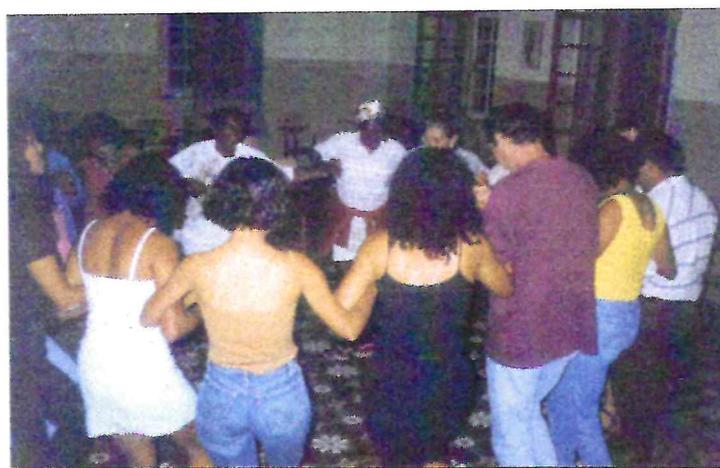
Continuando a exposição agroflorestal, Avaniildo divide em três grupos os participantes onde cada um representa plantas que produzem frutos, madeiras ou grãos.

Houveram duas iniciativas deixando transparecer para os/as agricultores/as as práticas corretas ao iniciar uma área de experiência do sistema agroflorestal. Na primeira iniciativa foi demonstrado uma experiência na qual não seria possível o desenvolvimento do sistema devido às práticas utilizadas. Foram implantadas culturas não adaptáveis à região determinada; não foram observadas as condições em que se encontrava o solo, as plantas que se desenvolvem melhor umas das outras.

Ainda através dessa dinâmica foi possível demonstrar para os/ as agricultores os princípios usados para iniciar uma área neste novo jeito de fazer agricultura.

A seguir foram demonstrados slides, o que favoreceu uma maior compreensão entre os/as participantes

À noite, houve o intercâmbio cultural, onde agricultores/as que já desenvolvem o sistema agroflorestal apresentaram beneficiamento dos produtos da roça como: charques, pamonha, sabão, picadinho de palma, suflê de quandu, licor e chás. Todos ensinando como fazer, o que deu seqüência a uma animada confraternização.



Visita às áreas do/a difusor/a Edimilson e Sandra.

Sandra fez um histórico de como iniciou a plantar no sistema agroflorestal, lembrando que no momento dispõe de duas áreas em estágios diferentes, pelo fato de existirem mudanças de solo no seu terreno; em um local do terreno, proporcionou o plantio de culturas rústicas devido ao solo se encontrar num estágio de degradação um pouco elevada; já na área localizada na parte baixa do terreno, as condições são mais favoráveis, o que facilita o desenvolvimento de culturas mais exigentes. É explicado para os/as participantes a forma de plantio das vinte e cinco variedades de plantas existentes na área, lembrando as formas de manejo utilizadas para sincronizar o sistema.

Em seguida, fomos visitar a área de Edimilson, onde ele coloca para os/as participantes as mudanças que vem acarretando no sistema, em especial no solo, a partir do momento em que começou a diversificar o plantio de cana-de-açúcar, que fôra cultivado na área durante um período de trinta anos. As agricultoras confirmam, na prática, o que viram na teoria adotada no dia anterior. Edimilson demonstra as trinta espécies existentes na sua área, explicando a função de cada uma no sistema agroflorestal.



Avaliação do encontro

Conduzida pelo difusor Antônio Sabino, resgatando as expectativas do início do encontro. Todos/as são incentivados a fazerem sua própria avaliação:

• Pontos positivos:

- ✓ As dinâmicas utilizadas
- ✓ As exposições dos produtos
- ✓ A força de vontade de todos para visitar as áreas
- ✓ A confraternização
- ✓ A visita ao campo mostrou que é possível trabalhar sem queimar
- ✓ Foi uma riqueza, conheci coisas novas
- ✓ Foi bom porque é uma forma da mulher se dar valor
- ✓ Conhecer várias pessoas dispostas a trabalhar de uma forma mais organizada
- ✓ Coordenação eficiente

• Pontos negativos

- ✓ carro sem a cobertura
- ✓ beneficiamento de produtos devia ser feito na plenária

Lista de Participantes

NOME	ENTIDADE	LOCALIDADE
Ana Lúcia Sabino dos Santos	ADESSU	Sítio Baixa das Flores
Antônio Adailto Salino dos Santos	ADESSU	Santa Cruz da Baixa Verde
Avanildo Duque da Silva	Centro Sabiá	Recife
Carmosina Maria da Silva	STR – Triunfo	Sítio Águas Claras
Esmerina Maria da Silva	Sítio Espírito Santo	—
Francisca Cordeiro da Silva	—	Sítio Olho D'água
Francisca Maria dos Santos	Sítio Águas Claras	—
Hosana Ferreira de Araújo	Comunidade	Sítio Aiti
Irene Maria da Silva	Comunidade	Sítio Espírito Santo
Íris Maria Vieira de Lima	Sindicato Santa Cruz da Baixa Verde	Sítio Baixa das Flores
Irmã Maria Felícia Soares	Lar Stª Elizabeth	Lar Stª Elizabeth
Ivanete Lidia Vieira	ADESSU	Sítio Baixa das Flores
José Edimilson Soares	STR – Triunfo/ADESSU	Santo Antônio – Triunfo
Lucenir Maria dos Santos	STR – Triunfo	Sítio Santo Antônio C.
Maria da Penha de Oliveira	CECOR	Serra Talhada
Maria das Graças Costa Melo	Sítio Brejinho	—
Maria de Lourdes de Oliveira Souza	Comunidade	Sítio Carrapato
Maria o Carmo Gusmão de Souza	—	—
Maria Eliane R. dos Santos	Comunidade	Sítio Espírito Santo
Maria Neilda dos Anjos	SENAR	Sítio Baixa das Flores
Maria Neuza Monteiro Pereira	STR de Belmonte	Serrotinho
Maria Nunes C. Ribeiro	STR de Belmonte	Sítio José Gomes SJ
Maria Solange Nívea dos Santos	Sindicato Santa Cruz da Baixa Verde	Sítio Baixa das Flores
Marleide Irineu	Centro Sabiá	Recife
Normeide Farias	Centro Sabiá	Recife
Sandra Rejane Pereira	ADESSU	Stª Cruz da Baixa Verde

Este relatório foi redigido por Normeide Farias e digitado por Stênio Agripino dos Santos. A revisão e edição final foi de Avanildo Duque da Silva. As fotografias são de Marleide Irineu, Normeide Farias e Avanildo Duque da Silva.